



ENCONTRO  
INTERNACIONAL  
FRONTEIRAS E  
IDENTIDADES

**UM IMPERADOR ESTOICO:  
O DOM PEDRO II DE HEITOR LYRA**

Augusto Castanho da Maia Petter<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho é vinculado ao projeto de pesquisa “Visões historiográficas de D. Pedro II”, Sob a orientação do Prof Dr. André Átila Fertig. Heitor Lyra foi diplomata e historiador, sendo nomeado para fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro após publicar a sua obra, dividida em três volumes, da biografia do Imperador Dom Pedro II, intitulada *História de Dom Pedro II (1825-1891)*. Lyra pode ser caracterizado como um nostálgico da Monarquia, essa atribuição deriva da sua forma de narrar a vida do Imperador, bem como suas considerações feitas sobre período correspondente ao Segundo Reinado, que também possuem um forte caráter de exaltação. Dentre as diversas biografias escritas sobre D. Pedro, Lyra tem sua importância, tanto pelo período em que publicou, quanto pela monumentalidade de sua obra, com três extensos volumes. Sua narrativa remete a de uma história tradicional, de gabinetes, porém, a emoção da narrativa literária também está presente. Assim, compreender a imagem que Dom Pedro II e que seu reinado transmitiam nos escritos de Heitor Lyra significa desvendar uma tendência historiográfica, que chegou até o século XX, engrandecendo o Império Brasileiro e, por consequência, o último monarca do brasileiro.

### **Introdução**

Dentre as numerosas biografias já escritas sobre Dom Pedro II, uma das que se destaca, não só pela minúcia dos seus dados e pela quantidade de informações sobre a vida do Imperador, mas pelo período em que foi formulada e pela referência que se tornou para os biógrafos e historiadores da nossa época. A obra intitulada *História de Dom Pedro II (1825-1891)*, pode ser considerada não só uma História da vida de Dom Pedro II, mas também a História do período em que viveu, como nos lembra François Dosse (DOSSE, 2002) em seu *O Desafio Biográfico*.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria, graduando em História (Licenciatura e Bacharelado).



A narrativa de Lyra nos lembra a narrativa da História tradicional, de gabinetes, porém, a emoção da literária também está presente. A visão monarquista da História do Brasil, percebida por Heitor Lyra, pode ser compreendida como uma noção que veio desde os escritos sobre o Império brasileiro, feito por monarquistas do século XIX, como Joaquim Nabuco e Oliveira Lima. Assim, compreender a imagem que Dom Pedro II e que seu reinado transmitiam nos escritos de Heitor Lyra significa desvendar uma tendência historiográfica, que chegou até o século XX e abeira-se até os nossos dias, engrandecendo o Império Brasileiro e, por consequência, o último monarca do brasileiro.

### ***Lyra e a História de Dom Pedro II***

Heitor Pereira de Lyra nasceu no Recife, 1893. Em 1916 ingressa na Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Ao iniciar seus trabalhos na secretaria, Heitor Lyra ousou logo lotar-se na Seção do Arquivo, devido aos resquícios de um jovem que sempre cultivou “o amor pelo passado, o respeito pela tradição, a curiosidade pelos fatos da nossa História.” (LYRA, 1972, P. 72).

No exterior, durante sua vida diplomática na Europa, Lyra cultivou amizade com o neto de Dom Pedro II o Príncipe Dom Pedro de Alcântara, o que colaborou muito para o crescimento de sua euforia com as pesquisas sobre o imperador.

Com o passar do tempo, entre seus diálogos e pensamentos, Lyra foi percebendo que ainda havia a vacância de uma “obra séria, consistente, que abordasse como um todo o estadista e o homem; um tal livro permitiria a avaliação da presença de um e outro em mais de meio século de história nacional.”<sup>2</sup>.

Ao partir para o seu primeiro posto diplomático, já secretário, de Legação, Heitor Lyra não viajaria escoteiro. Levava em sua bagagem fartos cadernos de notas, além de proveitosa experiência no trato da historiografia e da investigação histórica. Achava-se então todo voltado para os fatos do Segundo Reinado e vivamente interessado em destacar o

---

<sup>2</sup> O Ofício de Escrever de Heitor Lyra por Alexandre Eulalio, trecho retirado do volume I da obra *A História de Dom Pedro II*.



comportamento do imperador em relação aos acontecimentos políticos que mais fundamente marcaram aquele longo período de nossa vida institucional. (OLIVEIRA, 1972, P. 322)

Tendo uma carreira diplomática carregada, Lyra atuou em diversas cidades importantes do Ocidente. Porém, seu ponto de paz era a cidade de Lisboa, essa “Lisboa” que, como diz Alexandre Eulalio, “havia sido posto sempre muito grato ao escritor, e em Lisboa havia decidido ele fixar-se após deixar a carreira. Assim realmente o fez, vivendo nesta cidade os últimos quinze anos dele.”<sup>3</sup> Heitor Lyra residiu o resto de sua vida em Lisboa, local onde faleceu, no dia 19 de abril de 1973, as vésperas de completar 80 anos.

Antes e depois da vida de Lyra, muitas biografias e relatos foram escritos sobre Dom Pedro II. O interesse pela imagem do imperador é algo que sempre existiu no mundo que já estava sendo marcado pelo nacionalismo desde o início dos tempos modernos. Heitor Lyra escreve uma biografia de uma forma inovadora para o período<sup>4</sup>, contextualizando-a com os eventos da história imperial, porém sem fugir da narrativa da história tradicional<sup>5</sup>. A posição de Heitor Lyra, tendo em vista a narrativa de sua obra sobre Dom Pedro, pode ser encaixada na classificação denominada por Ricardo Salles (SALLES,1996) como um “nostálgico do império”, ficando evidente a sua elevação do Imperador Dom Pedro II a um pedestal heroico das grandes figuras da nação brasileira imperial, a importância da pessoa para o presente e o futuro do Brasil.

A primeira edição da obra foi publicada em 1938-1940 e teve sua segunda e muito mais completa edição em 1973. Até o momento da segunda edição, muitos documentos foram encontrados sobre o período imperial e sobre o próprio imperador e também as publicações vieram em grande número, porém, igualmente, Lyra escreve em 1968 que sua obra “continua

---

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> A primeira edição foi escrita entre 1938 e 1940. Neste período as grandes obras “historiografia brasileira” passava por autores renomados, como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Gilberto Freyre. Nos padrões do IHGB, Lyra se enquadrava, pois tinha uma vida pública e uma carreira dignas de sua admissão. No ramo biográfico, nesse período, não houve uma contribuição de mesma monumentalidade do que a trilogia escrita por Heitor Lyra sobre o Dom Pedro (e seu reinado), com tanta minúcia e pesquisa realizada, em que se encontrar fontes das mais diversas e um caminho de pesquisa tão extenso.

<sup>5</sup> Aqui me refiro a história tradicional descrita por Peter Burke, em *A Escrita da História*.



sendo a mais completa e mais extensa que até hoje se publicou sobre o nosso Imperador”. (LYRA, 1972, P. XI)

O texto apresenta, em grande parte, uma narrativa caracterizada pela história de gabinetes, visando fazer uma história da política imperial, em contraposição com uma narrativa literária, que busca comover o leitor, transportá-lo até o momento do acontecimento, assim revelando toda a sua dramaticidade, colocando o leitor em um arcabouço de palavras que o faz sentir o fato narrado. Nessa segunda forma narrativa, o autor se aproxima do que foi dito por Reinhart Koselleck (KOSELLECK, 2006) acerca da aproximação do ficcional com o factual, onde existe uma (re)construção do evento narrado, auxiliada por elementos ficcionais.

Um bom exemplo está no terceiro volume da obra, na qual nos deparamos com Lyra procurando escrever de forma a comover o leitor sobre a partida da família imperial para o exílio, após o Golpe Republicano, assim exaltando o sentimento monárquico do momento, dizendo que “a noite estava escura. No céu corriam nuvens baixas. De vez em quando brilhava uma estrela. No fundo do horizonte, para o lado da terra, desenhava-se o contorno negro das montanhas da costa... A Imperatriz soluçava baixinho.” (LYRA, 1972, P. 176-177) E prossegue:

Tudo era quieto. Do *Alagoas*, que já ia longe, nem mais um sinal. O manto escuro da noite tudo encobria. No céu pardacento continuavam a galopar nuvens baixas. De vez em quando, através de um rasgão mais largo, reluziam estrelas, essas eternas e silenciosas testemunhas de todas as tragédias humanas... (LYRA, 1972, P. 177).

Aí, no trecho supracitado, está demonstrada, além da sua narrativa literária, está a sua afeição nostálgica pelo regime monárquico. Regime esse, que foi levado embora, com a testemunha das estrelas, que observaram do alto essa tragédia.

Dentro dessa narrativa nostálgica está a elevação do Imperador em um pedestal. É de se imaginar, o grande acesso que Lyra teve a documentos da família imperial, no período, não seriam o mesmo, se o interesse do biógrafo fosse criticar o governo de Dom Pedro II.

O apelo ao engrandecimento da imagem do Imperador está muitas vezes na sua própria personalidade. Sendo também, ressaltada como algo que interveio de forma contundente na História do Brasil do Segundo Reinado.



O Imperador, por princípio, era partidário da paz. Nada de violência – era a sua divisa. Com ela governará durante cinquenta anos uma Nação de insubordinados. Com relação à política externa, seus propósitos pacíficos e conciliadores eram ainda mais decididos. (LYRA, 1972, P. 160)

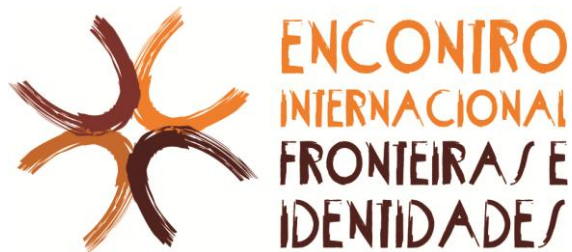
Lyra diz ainda que a política no Prata nada tinha de ambição do Imperador para o Brasil. Dom Pedro “Achava que o Brasil se bastava a si próprio. Prestígio no continente não lhe faltava. Nós éramos de fato a primeira Nação da América Latina. E extensão territorial tínhamos de sobra.” (LYRA, 1972, P. 160)

É claro, que para engrandecer o Imperador, é preciso engrandecer o seu reinado, e vice-versa, conseqüentemente, existe assim, um engrandecimento do regime monárquico sendo contraponto com o Brasil republicano. Nesse ponto, Lyra se torna um real crítico da república brasileira. Ao falar sobre o papel de Sales Torres Homem, Lyra relata que o mesmo foi preso e deportado para a Europa, assim como Limpo de Abreu, “o Dr. Joaquim Cândido Soares Meireles e outros mais” então continua a “acentuar que essas deportações foram as últimas havidas no Segundo Reinado, recurso que se tem usado muitas vezes sob o atual regime republicano.” (LYRA, 1972, P. 168).

Usando das palavras de Aristides Lobo no *Diário Popular*, de São Paulo “O país assistia *bestializado* à implantação da República - foi à expressão usada por um dos chefes civis do movimento e Ministro do Interior do Governo Provisório”. Lyra segue então contando que “A nação foi estranha a esse acontecimento, que aceitou como fato consumado a sua indiferença, foi injustificável”. (LYRA, 1972, P. 97-97).

No terceiro volume da obra Lyra dá a um capítulo o nome de Os demolidores do Império, dando alusão que o país estivesse sido execrado junto com sua instituição política. Sento este autor muito elogioso a monarquia, ele narra essa tomada de poder pelos republicanos com uma espécie de rancor aos militares do golpe:

Estava, portando, instituída a República no Brasil, depois que um golpe de meia dúzia de capitães e tenentes do Exército, tendo à frente um general impetuoso e zangado, e outra meia



dúzia de civis audaciosos, haviam posto por terra um império que nos havia dado quase meio século de ordem interna, de prosperidade e de liberdade pública. E o Monarca que nos governara durante esse largo tempo, já velho, ao quebrado e por assim dizer as portas da morte, era mandado para a Europa e para o Exílio. (LYRA, 1972, P. 119)

Entre essas fortes palavras, Heitor Lyra conclui que foram três fatores os culpados de levar a queda da monarquia e o advento da república, são eles: O espírito *froideur*, a indiferença do Imperador pela sorte do regime e a propaganda republicana.

Tratemos aqui então sobre o segundo fator, que nos interessa. A indiferença de Dom Pedro II, para Lyra, teve grande importância da mudança de regime, essa é mais uma das vezes em que o autor revela, que da personalidade de seu biografado, pode se encontrar o caminho que traçado na História do Brasil. A questão da escravidão foi um exemplo de que, mesmo favorável a abolição, sua preocupação a integridade nacional era grande, pois “o Imperador pensava duas vezes antes de dar um passo definitivo no sentido de prestigiar, com a sua grande autoridade, a campanha que se operava lá fora em prol da abolição total.” (LYRA, 1972, P. 12). Dom Pedro II era “Um enigma”, assim procuravam “julgá-lo ou decifrá-lo” mas “ninguém o compreendia ou possuía inteiramente. E, em seu íntimo, cada qual perguntava: o que sairá dali? Um rei déspota e sanguinário como Luís XI? Um imbecil como Afonso VI? Um soberano pachorrento e maleável, mas no funcho emperrado, como o avô João VI? Um estabonado como o pai?” (LYRA, 1972, P. 76).

Lyra caracteriza o Imperador como um “estoico” e faz questão de enfatizar seus atributos emocionais como quando soube da queda da monarquia a “calma absoluta de seu rosto, a compostura de suas atitudes e a firmeza da voz emprestavam-lhe, naquele momento dramático, um respeito ainda maior do que nos dias mais prestigiosos do Reinado”. (LYRA, 1972, P. 111). Ainda sobre a notícia dada ao Imperador sobre a proclamação da República e seu Exílio, Lyra trata da sua solidão. O Imperador, estando velho já e perdendo as pessoas mais próximas e os entes queridos, seja por morte ou simplesmente por afastamento. Entre as perdas, pessoas que juraram fidelidade a monarquia e estão se colocando do lado republicano:





A generosidade do seu coração não o deixava, apesar de tudo, proferir uma palavra mais severa de acusação aos que tão depressa lhe haviam voltado as costas. É que ele sabia praticar a filosofia de Renan, para quem toda a criatura humana devia ser tida por boa e tratada com benevolência. Não estava em seu feitio ser áspero para com quem quer que fosse, se não houvesse um motivo realmente severo para tanto. Partia do pressuposto que todo o homem, em regra geral, era um homem de bem. (LYRA, 1972, P. 163)

Mostra também, nesse momento, a imensa vontade do Imperador voltar ao Brasil, , até mesmo para voltar a reinar. Dom Pedro II preocupado com a política do Brasil, e seu futuro. Falando do amor ao Brasil em seu leito de morte, estando com um pouco da terra do país ao seu lado, para ser enterrado junto a ele. Passado pelas desilusões e a distancia da nação que tanto ama afetou-lhe emocional e fisicamente: “No outro dia, 2 de dezembro, era o seu aniversário natalício. Fazia ele 66 anos, mas dava a todos a impressão de ser um homem mais velho.” (LYRA, 1972, P. 164).

### **Considerações finais**

Dom Pedro II é praticamente santificado durante a obra, tendo seus atributos, até os atributos físicos, sempre lembrados e revelados, com a finalidade de fazer dele a personificação de seu reinado, que para Lyra, foi o período mais próspero da História do Brasil. Não toda a monarquia Brasileira, mas especialmente o seu reinado. Podemos ter uma ideia de que o período monárquico, que não dizia respeito a Dom Pedro de Alcântara era diferente, desde a sua personificação na imagem de Dom Pedro I, que é mostrado no início da obra muito diferentemente de seu filho, o futuro imperador. Chamado pelo autor de “português medíocre, sem grandes virtudes e sem grandes defeitos” e sua esposa de “espanhola de mau caráter”. (LYRA, 1972, P. 10), Pedro I é rememorado como alguém de humor “contraditório”, que “era capaz dos maiores egoísmos e das mais largas generosidades”, no qual, “o próprio Imperador-rapaz inspirava bem mais confiança do que o pai. Sua índole, sua educação e suas maneiras eram inteiramente outras.” (LYRA, 1972, P. 109).

Assim, na visão nostálgica de Heitor Lyra, como biógrafo desse jovem Imperador, que até tenra idade “vivera, pode-se dizer, quase exclusivamente para os livros” (LYRA, 1972, P. 77), foi



ENCONTRO  
INTERNACIONAL  
FRONTEIRAS E  
IDENTIDADES

a personificação, e o motor chefe do período, que em seu reinado, seria o “apogeu do regime imperial no Brasil” da “*idade de ouro da Monarquia*”, quando “o Império, pode-se dizer, alcança a sua plena madureza”, (LYRA, 1972 P.9) até o fim da Monarquia.

### Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: \_\_\_\_\_. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, p. 305-327, 2006.

LIRA, Augusto Tavares de, 1872-1958 et al. Pareceres acerca da admissão de Heitor Lyra como sócio honorário. *RIHGB*, v. 189, p. 152, out./dez. 1945.

\_\_\_\_\_. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Ascensão (1825–1870)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 1

\_\_\_\_\_. *História de Dom Pedro II (1825–1891): Declínio (1880–1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977c. vol. 3

\_\_\_\_\_. *Minha vida diplomática (Coisas vistas e ouvidas I) 1916-1925*. Brasília: Unb, 1972.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 225-249, 1998.

MAGALHÃES, Basílio de, 1874-1957, rel. Pareceres acerca da admissão de Heitor Lyra como sócio honorário. *RIHGB*, v. 185, p. 319-340, out./dez. 1944.

OLIVEIRA, Antônio Camillo de, 1892-1982. Embaixador Heitor Lyra : falecimento. *RIHGB*, v. 299, p. 321-322, abr./jun. 1973.

PINHO, Wanderley, 1890-1967. Justificação de requerimento: parecer acerca da "História de D. Pedro II", de Heitor Lyra. *RIHGB*, v. 185, p. 326-340, out./dez. 1944.

SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

VALLADÃO, Haroldo. Elogio dos sócios falecidos. *RIHGB*, v. 301, p. 128-141, out./dez. 1973.